

JOAN HE

AQUELES
QUE DEVERIAMOS
ENCONTRAR

Tradução de Ana Omuro

 ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2022

/

ACORDO DE PÉ E SINTO o vento bagunçando meu cabelo. A areia em que piso é gelada e a maré que está subindo traz espuma branca e água cinzenta até os meus tornozelos antes de, efervescente, desaparecer entre os meus dedos.

Meus dedos *descalços*.

Isso em si não seria um problema. Mas também estou usando as calças cargo de M. M., o par mais macio de seu closet cheio de roupas roídas por traças. Usei-as para dormir ontem à noite, a mesma noite em que eu, aparentemente, caminhei sonâmbula até a praia. De novo.

— Merda.

— Merda — repete uma voz monótona quando comparada às ondas que se levantam no mar diante de mim. Viro os olhos tomados de sono e avisto U-me deslizando pela névoa da manhã que encobre a praia. Suas rodas tracionadas deixam triângulos na areia como pegadas de patas. Sua cabeça em forma de caixa, posicionada sobre um corpo cilíndrico, alcança até metade da minha coxa quando ela para ao meu lado.

— Merda: substantivo feminino, substância fecal; adjetivo, pessoa insignificante ou desprezível; gíria, expressão utilizada...

— Tranquei a porta.

Ouçõ o ruído das engrenagens de U-me reagindo à afirmação.

— Concordo plenamente.

— Você escondeu a chave na casa.

— Concordo plenamente.

As ondas ficam mais fortes e me obrigam a recuar. É quando um brilho no chão chama minha atenção.

A chave da casa, enterrada como uma concha na areia cinzenta.

Eu a pego.

— *Merda.*

A palavra ativa o modo dicionário de U-me pela segunda vez. Mal consigo ouvi-la devido ao som das ondas.

De vez em quando, sonho que nado até o horizonte e encontro minha irmã na borda do mundo. Ela segura minha mão e nos leva para casa. Às vezes, casa quer dizer uma cidade no céu. Ou outra ilha. Por mim, nossa casa poderia ser aqui, se ela estivesse comigo. Ela não está. Não sei o que nos separou, só sei que falo sério quando digo que acordar é um saco, especialmente quando meu corpo está determinado a imitar os sonhos, não importa quantas portas eu feche. Minha solução? Transformar sonhos em realidade. Encontrar minha irmã, de preferência mais cedo do que mais tarde.

— Vamos, amor — digo para U-me enquanto dou as costas para a maré. — Vamos tentar ganhar do sol.

Percorro a praia. Ainda sinto os ombros doerem por causa da última viagem para o interior da ilha, mas minha recuperação pode esperar. Minhas primeiras fugas noturnas nunca me levaram para o mar. Hoje, estou com água na altura dos tornozelos. Amanhã? Se eu terminar Hubert hoje, não vou estar aqui para descobrir.

Depois de cinquenta passos largos, chego na casa de M. M. Ela fica audaciosamente perto da costa, uma cabaninha baixa, meio enterrada na areia, assentada no topo de um rochedo de frente para o mar. Há tralhas por todo lado. Nos degraus da varanda. No deque. Objetos valiosos, como a pochete de M. M., devem ser guardados acima do nível da areia. Pego a pochete do beiral da varanda e vou até a lateral da casa, onde Hubert está descansando.

— Bom dia, Bert — digo, jogando a pochete por cima do ombro. — Está com sorte hoje?

Não há resposta. Hubert não gosta muito de conversar, o que não é um problema para mim. Falo com ele sobre qualquer coisa; ele me mantém sã só por existir.

É o seguinte, dividi meu tempo nesta ilha em “vida-antes-de-Hubert” e “vida-depois-de-Hubert”. Vida-antes-de-Hubert... Joules, mal me lembro do que eu fazia para passar os dias. Provavelmente plantava taro ou consertava o encanamento de M. M. Coisas básicas de sobrevivência.

Então completei com sucesso minha primeira jornada ao interior da ilha e encontrei Hubert. Ele estava despedaçado. Agora só falta um hélice para ele voltar ao que era antes e, sendo bem sincera, estou orgulhosa do quanto avançamos. Claro, recuperar o corpo dele quase destruiu o meu, e teve também uma situação bizarra envolvendo a carcaça dele, uma corda e a gravidade que quase arrancou minha perna, mas ele conta comigo e isso me dá forças. Eu conto com ele também. *Quem me dera poder nadar*

até minha irmã como faço nos meus sonhos. O problema dos oceanos é que eles sempre parecem menores quando vistos da praia.

— Espera só, amor — digo para Hubert, cutucando-o com o pé. — Você. Eu. O mar. Esta noite.

Um hélice.

Não vou voltar sem ele.

U-me me alcança e, juntas, partimos para o interior da ilha. Deixamos para trás os sons do mar e das gaviotas até que só reste o barulho dos cascalhos sob as rodas de U-me e da lama cinzenta sob minhas sandálias de borracha — cortesia de M. M. — e o silêncio nebuloso por quilômetros sem fim. Com o tempo, a lama se solidifica e vira xisto. Poças de água da chuva formam laguinhos rasos e sem vida. Arbustos se curvam na direção do vento e suas raízes se arrastam como veias ao longo da pedra. Este lado da ilha — o lado costeiro — é praticamente todo plano. Se não fosse a neblina, daria para ver diretamente a cordilheira que divide a ilha ao meio, um paredão de pedra que não pode ser circundado, apenas escalado.

À sombra da encosta imponente, abro minha pochete, removo o rolo de corda de nylon e o amarro ao redor do pescoço de U-me.

— Você sabe o que fazer.

— Concordo plenamente. — Ela desliza pela base da encosta e sobe, encolhendo até se transformar em um grão. No topo, joga a corda agora amarrada de volta para mim, cem metros abaixo.

Pego a ponta e dou um puxão na corda para me certificar de que está firme antes de amarrá-la ao redor da cintura. Seguro o nylon escorregadio o mais forte que posso, inspiro e tomo um impulso no chão.

Pé. Mão. Repetir. Ao fim da escalada, o sol nascente aquece meus ombros. Ensopada debaixo do suéter de M. M., eu me apoio sobre o cume estreito e recupero o fôlego enquanto analiso a terra do outro lado. Campos. Cinzentos como o resto da ilha, com árvores que crescem em bandos caóticos. Amontoados de tijolo se erguem como tumores em meio à grama que vai até a cintura. Ainda preciso descobrir o que são. Templos, talvez. Templos abandonados e cobertos de musgo.

Sacudo os braços e começo a descida. U-me desliza ao meu lado e, de vez em quando, emite um “discordo plenamente” como resposta aos lugares que escolho para apoiar os pés. Acontece que memorizei a maior parte dos pontos perigosos na encosta, então a mando voltar para o topo quando estou na metade da descida.

A corda desamarrada cai assim que meus pés chegam ao chão. Eu a coloco na minha pochete e afago a cabeça de U-me quando ela se junta a mim novamente.

— Bom trabalho, amor.

Além de nós, a névoa é a única coisa que se move nos campos esta manhã. Dou o melhor de mim para ignorar os templos e atribuo meus arrepios ao suor que esfria nas minhas costas. A fome golpeia meu estômago, mas não paro para comer um biscoito de taro. Não aqui. Não parece certo comer aqui.

O campo termina com uma floresta esparsa de pinheiros. Há vários deles fundidos no tronco como gêmeos coligados. Infiltradas em meio aos pinheiros, há árvores com folhas de oito pontas. Elas dominam o interior da floresta. Galhos se entrelaçam sobre nossas cabeças e folhas em decomposição se esparramam pelo caminho. Um besouro passa por nós — e acaba debaixo das rodas de U-me.

Crunch.

Recuo. Tirar uma vida — não importa quão pequena seja — parece algo sério quando já há tão pouco dela nesta ilha.

— Sem coração.

— Sem coração: locução adjetiva, sem sentimentos; locução adjetiva, cruel.

— Ou literalmente sem um coração.

— Neutra.

— Beleza, mas o que você quer dizer com isso? Neutra à definição? Ou à ideia de não ter um coração?

As ventoinhas de U-me chamam.

Agacho para desviar de um galho baixo.

— Tá bom, amor. Desculpa. Esqueci que você não responde a perguntas diretas. — *E mais um trilhão de outras coisas.*

Quando encontrei U-me no armário debaixo da pia de M. M., precisando de um pouco de sol, dancei ao redor da casa. Um robô poderia me ajudar a construir o barco. Ou mapear as águas da região. Ou simplesmente me fornecer informações cruciais, como de onde eu vim e como encontrar minha irmã.

Acontece que U-me não é um robô comum. Ela é uma mistura de um dicionário e de uma escala de avaliação, quase tão útil para mim quanto... bom, quanto um dicionário e uma escala de avaliação. Mas é de grande ajuda o fato de ela conseguir amarrar cordas, cavar buracos e me imitar, como quando deslizamos mais ou menos na direção das pilhas de lixo ao finalmente chegarmos ao Estaleiro, o nome que dei para a clareira na floresta, onde há outro pequeno templo e algo que se parece muito com uma piscina. As beiradas estão cobertas de musgo e rodeadas por montes de ferro velho. A maior parte está oxidada e deformada, incapaz de ser

reaproveitada, especialmente agora que usei tudo que poderia reaproveitar em Hubert.

Mesmo assim, me agacho e vasculho as pilhas, a princípio metodicamente e depois nem tanto. As chances de encontrar um hélice são mínimas. Mas também eram mínimas as chances de encontrar *qualquer* parte de um barco e, ainda assim, aqui estamos: casco, leme, cana do leme, motor, parafusos, tudo direitinho. É só eu pensar: *é isso, acabou minha sorte*, que encontro outra peça. Não só isso, cada peça parece vir do mesmo barco. É meio mágico. Tudo em Hubert é. Ele veio até mim na hora em que eu mais precisava dele. No dia em que o encontrei, foi como se o universo estivesse dizendo “não desista”. E não desisti. Estou tão perto de encontrar Kay. Fico ofegante quando penso nela. Um lampejo de paetês. Uma risada aguda. Um sorriso temporariamente manchado de vermelho por um picolé de cereja. Duas mãos unidas, a minha e a dela. Uma escada impossivelmente branca, conectando o céu ao mar. Nós saltamos e flutuamos por dias.

Quando tento me prender à memória, no entanto, a água ao nosso redor vacila. Vejo um barco sendo levado para longe pelas ondas. Ouço um sussurro — *desculpa* — entrelaçado no pesar de uma despedida.

Pensamentos positivos. É melhor focar o presente. Dividir as coisas em tarefas menores. Construir Hubert. Encontrar Kay.

Construir.

Encontrar.

Construir.

Encontrar.

Mas o temor envenena meus pensamentos mesmo assim.

Solto o pedaço de sucata. Meus joelhos estalam quando me levanto. Alfinetes espetam meus dedos dos pés enquanto caminho até a borda da piscina. Ela está cheia de água da chuva e reflete uma imagem trêmula de mim: uma garota com cabelo liso e escuro pouco abaixo dos ombros, rosto pálido demais e olhos pretos, suponho. Junto com minhas memórias, perdi a habilidade de enxergar cores. É estranho, eu sei. Mais estranho ainda é o que acontece em seguida. A imagem na água se transforma: estou olhando para um reflexo de Kay.

— Cadê você? — pergunta ela. Sua voz é uma versão mais baixa e grave da minha.

— Chegando, amor.

— Você está esquecendo. — Meneio a cabeça veementemente, mas Kay continua: — Olhe de novo — diz ela. — Você só está vendo a si mesma.

E estou.

A garota na água não é Kay.

Sou eu.

Sinto minha pulsação nas orelhas. É óbvio que minha irmã não está aqui. Mas a Kay da minha imaginação está certa: *estou* esquecendo mesmo. Meus sonhos com ela são em cores vibrantes, diferentemente dos tons de cinza dos meus dias monocromáticos. Mas tudo fica nebuloso quando acordo. Os detalhes se misturam. As cores desaparecem.

Fecho os olhos com força como se quisesse espremê-los. Abro-os. Os ladrilhos no fundo da piscina cintilam. A água parece estar me chamando.

Cee.

Antes que eu me dê conta do que estou fazendo, meus pés se movem até a borda. Dou um tapa nas bochechas. Estou acordada. Não é um

sonho. Não estou andando enquanto durmo. De jeito *nenhum* vou acabar dentro da sopa de micróbios.

Um passo após o outro, recuo. Sinto uma tensão no peito, como se houvesse um elástico entre ele e a água. Quando me afasto da piscina, uma parte de mim tem medo de que meu coração exploda, mas ele permanece firme atrás das minhas costelas, batendo com força enquanto volto a me ajoelhar ao lado da pilha de lixo.

Às vezes a necessidade de encontrar Kay me oprime, então não penso nela. Penso em Hubert, que depende de mim. Penso no mar e em toda a sua imensidão, em como é impossível atravessá-lo a nado. Penso em todas as noites inquietas que passei na casa de M. M., usando seus suéteres e calças cargo, vivendo uma vida de segunda mão. Nada aqui é meu de verdade. Nem mesmo U-me. Meu verdadeiro lar espera por mim além do oceano.

Primeiro de tudo: sair da ilha.

Vasculho a pilha mais a fundo — e tiro a mão rapidamente com um chiado. A dor diminui, porque vejo a lâmina. Ela atravessa a sujeira e reluz com um líquido cinza — meu sangue, penso. Também penso...

Não estrague tudo.

Com cuidado, removo a lâmina da pilha. Outras duas emergem; as três giram ao redor de um eixo. Eu o ergo na direção da luz que jorra pelas árvores. As três pétalas de metal cintilam, levemente arranhadas; mas, fora isso, parecem bastante com um hélice para meus olhos amadores.

— Joules.

Será que estou sonhando?

Não, ainda estou sangrando. Ainda estou segurando o hélice sujo como se fosse algum tipo de flor exótica.

U-me desliza até mim.

— Joule: substantivo masculino. Unidade de medida de trabalho e energia.

— Aqui é Megajoules, porra! A gente conseguiu, U-me!

Eu a agarro, dou um abraço, e depois solto um grito de entusiasmo que ecoa pela ilha. U-me pisca, provavelmente se perguntando se o som conta como uma palavra traduzível. Qualquer que seja seu veredito, não o ouço. Já estou correndo de volta para a colina, sem saber se devo chorar, rir ou gritar mais um pouco.

Então faço as três coisas.

Adeus, campo. Corro pela grama alta demais. *Adeus, templos.*

Adeus, encosta. Com os braços entorpecidos pela adrenalina, eu a escalo em tempo recorde. *Adeus, M. M. Obrigada por dividir sua casa. Sinto muito que as traças tenham chegado até seus suéteres antes de mim.*

Guardo o último adeus para mim mesma, a única alma neste lugar abandonado por Joules. Vai por mim, eu procurei. Em todo canto. Resumi minha situação aos seguintes fatos desanimadores:

Primeiro, estou em uma ilha abandonada.

Segundo, não faço ideia de como isso aconteceu ou dos motivos, porque (ver o terceiro)...

Terceiro, é bem provável que eu tenha um caso de amnésia que piora a cada dia.

O quarto fato, não tão desanimador?

Estou dando o fora daqui.

2

À DISTÂNCIA, A CIDADE NO céu parecia tão sem vida quanto o oceano abaixo dela.

Sob a superfície, a história era outra.

Dentro do estrato-99, o penúltimo nível da ecocidade, a festa deixara Kasey Mizuhara abandonada em sua própria cozinha. Enquanto todo mundo pulava ao ritmo da música e seus corpos brilhavam sob a luz negra, Kasey estava atrás de uma fachada de bebidas e copos, observando do mesmo jeito que alguém observaria animais em um zoológico, a diferença era que ela não se sentia muito como uma humana. Estava mais para um alienígena. Ou um fantasma.

Já era tempo. Kasey sentira falta de sua invisibilidade. Havia sido reconhecida duas vezes só na última semana e, quando a primeira onda de convidados se conectou, ela quase fez o contrário.

Mas o universo tinha um jeito de encontrar equilíbrio. Em quinze minutos, alguns dos colegas de sala de Kasey a confundiram com a bartender contratada. Então, enquanto Kasey improvisava as bebidas, Meridian enviou uma mensagem dizendo que não poderia mais ir à festa. *Tudo bem,*

respondeu Kasey. Era mais do que bom, na verdade, que a mente por trás da suposta festa de “superação” de Kasey não estivesse presente. Porque, para seu grande alívio, ninguém estava ali por Kasey.

Por outro lado, para sua grande preocupação, todos estavam ali por sua irmã, Celia.

Dito e feito:

— Aposto 50 bytes que ela aparece hoje — disse uma garota para a pessoa com quem dançava. Suas palavras apareciam legendadas na visão de Kasey graças à Intraface. Considerada o computador mais portátil existente até então, a Intraface era uma interface implantada dentro do cérebro capaz de capturar memórias, converter e transmitir mensagens do pensamento em palavras e, nesse caso, fazer leitura labial de sentimentos que Kasey considerava ridículos, mas perdoáveis. Entrar de penetra na própria festa seria algo típico de Celia. Ela chegaria elegantemente atrasada, coberta de paetês, e todos a encarariam, com medo de perder um riso, um beijo, um segredo sussurrado escrito em seus rostos.

Até naquela época havia coisas que eles não percebiam.

Por exemplo, a forma como Celia nunca falhava em encontrar Kasey em meio a uma multidão.

A forma como Celia a encontrara naquela hora.

Uma pulsação atravessou Kasey. Ela desviou o olhar do oceano de cabeças oscilantes e focou a cidade que estava montando com os copos. Eram as luzes. A música. Tudo muito escuro, muito alto e mexendo com seus sentidos. Deixando todo o resto para lá, ela se voltou à enxurrada de pedidos de login que se amontoavam em sua visão. ACEITAR CONVIDADO. ACEITAR CONVIDADO. ACEITAR CONVIDADO. Mais pessoas apareciam na pista de dança. Nenhuma delas, no entanto, poderia desbancar sua irmã, e Celia ainda estava lá quando Kasey ousou dar

uma outra olhada. Dançando com um garoto. Seus olhares se encontraram, e Celia ergueu a sobrancelha perfeitamente desenhada a laser como se dissesse: *Olha que homão. Quer tentar a sorte, amor?*

Kasey tentou assentir. Não conseguiu. Estava paralisada enquanto a irmã abandonava o garoto e deslizava pelos convidados com facilidade. Ela se juntou a Kasey na ilha da cozinha, dispersando o grupo que soprava anéis de fumaça alucinógena na direção de Kasey.

A fumaça se dissipou.

Celia desapareceu.

Em seu lugar estava uma garota com cabelo azul vibrante e pêndulos de Newton como brincos. *Curioso*, Celia teria dito. Kasey, por outro lado, talvez tivesse gostado de verdade dos brincos se sua mente não tivesse se esvaziado e deletado todas as suas opiniões sobre moda ou qualquer outra coisa e seu coração não estivesse a mil enquanto a garota pegava um copo e o enchia.

— Rápido, fala comigo.

Será que ainda estava alucinando?

— Eu? — perguntou Kasey, checando para ver se a cozinha havia, de fato, se esvaziado.

— Você mesma — disse a garota, forçando a Intraface de Kasey a inicializar SILVERTONGUE, um aplicativo que Celia havia indicado e que auxilia os usuários em conversas. *Vai facilitar as coisas*, prometera a irmã.

Na maior parte do tempo, as dicas do aplicativo, que vinham a toda velocidade, só deixavam Kasey tonta. Ela piscou e estourou as bolhas que cobriam sua visão.

— Falar com você sobre o quê?

— Qualquer coisa.

Parâmetros insuficientes. Irritada, Kasey olhou ao redor em busca de inspiração.

— Toda a população humana cabe dentro de um cubo de um quilômetro cúbico? — O fato foi pronunciado como se fosse uma pergunta; ela corrigiu a entonação: — Toda a população humana cabe dentro de um cubo de um quilômetro cúbico.

“REPETIÇÃO DETECTADA!”, repreendeu SILVERTONGUE.

— Sério? — disse a garota enquanto observava a pista de dança por sobre a borda do copo. — Continua.

— Sobre o volume de *homo sapiens*?

A garota riu como se Kasey tivesse contado uma piada. Será que tinha? Piadas eram uma coisa boa. Humor era um traço essencial na Escala de Humanidade dos Cole. Era só que... Kasey não estava esperando risos como reação. De acordo com os padrões de um experimento, aquilo não estava indo bem. Ela pensou em perguntar qual era a graça, mas acabou perdendo a oportunidade.

— Mil vezes obrigada — disse a garota, desviando o olhar da pista de dança e finalmente encarando Kasey. — Tem gente que não consegue aceitar um “não tô interessada” por nada na vida. E aí, você veio pra ver ela também?

Perguntas eram simples. Com perguntas Kasey conseguia lidar, especialmente quando sabia a resposta esperada.

— Ela? — perguntou, apenas porque não queria encorajá-la.

Ela esperou pelo nome de Celia. Preparou-se para ouvi-lo.

— A Kasey? Anfitriã da festa? — Diante do silêncio de Kasey, a garota acenou com a cabeça na direção da cidade que ela havia construído com

os copos. — Pelo jeito você não veio aqui pra se misturar. Fica chato logo, né? Depois que você supera como parece real. Já a irmã mais nova...

Não pergunte. Nada de bom podia vir disso.

— O que tem ela? — perguntou Kasey, cedendo à curiosidade.

— Não sei. — A garota sorveu o drinque, escondendo os olhos. — Essa é a graça, né? Uma hora ela evita a imprensa. Na outra, convida todo mundo em um raio de vinte estratos pra festa dela. Tipo, eu também tenho uma irmã. Não sei o que eu faria se ela desaparecesse. — Uma nova música começou a tocar com tudo no sintonizador-delta. — Mas eu com certeza não estaria dando um festão ao som de Zika Tu.

Justo. Eram argumentos sólidos.

— Talvez seja uma festa pra ajudar ela a deixar essa história pra trás — sugeriu Kasey, agora desejando que Meridian tivesse vindo. Meridian teria sido capaz de explicar, da mesma forma que havia explicado para Kasey, por que aquela festa fazia todo sentido, com motivos dos quais Kasey não se lembrava.

Ah, que beleza. Pelo menos Kasey havia tentado. Ela acrescentou outro copo à sua cidade e quase derrubou tudo quando a garota disse:

— Difícil superar quando ainda não encontraram um corpo. Mórbido demais? — perguntou ela enquanto Kasey arrumava a cidade. Um copo rolou para fora de seu alcance. A garota o pegou. — Desculpa. — Ela colocou o copo sobre outros dois, onde ele balançou. Kasey o arrumou. — Vivo esquecendo que aqui é diferente. De onde eu venho, tem corpos em tudo quanto é... okay, é, vou parar. — Ela ergueu o copo na direção de Kasey. — Essa sou eu. Yvone, rainha das gafes.

Um silêncio se seguiu.

Kasey percebeu depois de um tempinho que a garota estava esperando que ela se apresentasse também.

Será que era tarde demais para revelar sua identidade? Provavelmente.

— Meridian.

— Como é?

— Meridian. — Como as pessoas conseguiam conversar em festas? Ou melhor, as pessoas *conversavam* em festas? Por que essa garota simplesmente não pediu uma bebida como todo mundo e seguiu a vida? — *Meridian* — repetiu Kasey conforme o volume da música aumentava.

— Quê?

— *Meridian*. — Será que era condescendente soletrar um nome? Ou aí já seria querer demais com um nome longo como Meridian? Pensando bem, ela devia ter escolhido um mais curto. — M-E-R...

— Espera, deixa comigo. — A garota piscou três vezes na direção de Kasey, o que fez a Intraface emitir um *ding* alegre enquanto projetava o ID sobre sua cabeça.

MIZUHARA, KASEY

Nível: 2

Droga.

Kasey cancelou a projeção e depois checou para ver se alguém havia notado. Do lado de fora, nas ruas, escolas, lojas ou qualquer domínio público, os níveis eram exibidos automaticamente. O número sobre sua cabeça segue você para todo lugar. Lugares privados eram a única exceção. Por isso, considerava-se falta de educação andar por aí com o nível quando não era necessário.

Também era falta de educação mentir sobre seu nome.

— Você... — Yvone fez uma careta. — Você é a irmã da Ce...

Abortar. A tela de LOGOUT, já aberta na Intraface de Kasey, estava apenas a um botão de CONFIRMAR de distância quando algo tocou seu ombro.

Uma mão.

— Kasey?

Ela se virou...

... e soube, no segundo em que viu o garoto, que ele era um dos de Celia. Tristan, devia ser esse o nome dele. Ou Dmitri. Um dos dois.

Qual?

— Kasey — repetiu Tristan/Dmitri, piscando como se não estivesse acreditando no que via. Atrás dele, a multidão continuava a dançar. Kasey teria dado tudo para estar no meio das pessoas naquele momento. — Graças a Joules. Faz meses que estou tentando falar com você.

Assim como todo mundo. Sua Intraface havia sido tomada por mensagens de spam e vírus. Todas de contatos desconhecidos que ela teve que filtrar.

— Preciso saber se foi culpa minha — disse Tristan/Dmitri, erguendo a voz quando Kasey balançou a cabeça. — *Preciso saber!*

O olhar de Yvone se alternava entre os dois, absorvendo a interação.

— Não consigo dormir de noite. — O peito de Tristan/Dmitri arfava. Ele suspirou profundamente. A boca de Kasey estava tão seca quanto um deserto. — Não consigo, desde... Eu achava que tava tudo bem com a gente, depois que terminamos, pensei que... Mas agora eu fico imaginando... Foi alguma coisa que eu falei? Alguma coisa que eu fiz?

Dmitri, Kasey queria dizer; afinal de contas, tinha 50% de chance de acertar. *Não é sua culpa*. Não era culpa de ninguém. Às vezes, não há respostas. Não há causa e efeito, não há agressores e vítimas. Apenas acidentes.

Mas Kasey sabia que aquelas não eram as palavras de uma irmã carinhosa. O que ela não sabia era como agir como uma. Uma irmã carinhosa não deixaria estatísticas guiarem suas decisões. *Tristan ou Dmitri?* Não daria uma festa sem saber por que, deixando o motivo aberto a interpretação. *Tristan ou Dmitri?*

Como ela poderia ficar tranquila com 50%?

Como ela poderia estar *tranquila* quando ninguém mais estava?

O baixo engoliu as batidas do coração de Kasey. Ela sentiu uma fraqueza no peito. Apoiou-se, atrapalhada, na ilha da cozinha, agarrando-a como a borda de uma piscina.

— Ô, amigo — ela ouviu Yvone dizer para Tristan/Dmitri com uma voz indefinida como se abafada por água —, você tá falando com a pessoa errada.

— Acabei de ver o ID dela.

— Bom, você viu errado.

Foi legal da parte de Yvone acobertá-la. Kasey deveria tê-la agradecido. Celia teria; não que ela alguma vez fosse estar na situação de Kasey, mas *se estivesse*, hipoteticamente.

Celia teria feito mil coisas diferentemente de Kasey, que pressionou confirmar logout.

A ilha da cozinha desapareceu. A pista de dança, as luzes, as bebidas e os copos, produtos de consumo que se transformariam em emissões de carbono no fim de seu ciclo de vida se existissem, desapareceram; não

passavam de meras linhas de código. Lá no domínio virtual, a festa continuava para todos ainda conectados. Ninguém sentiria falta de Kasey.

Melhor assim.

Kasey abriu os olhos e se deparou com a escuridão azul de sua cápsula de estase. Seu interior, que lembrava um sarcófago, brilhava suavemente com linhas de código transmitidas do aplicativo biomonitor de sua Intraface, que media os sinais vitais sempre que ela se projetava holograficamente. Seus batimentos cardíacos, embora altos, ainda estavam dentro da normalidade. Sua visão periférica exibia o horário — 0h15 — e o número atual de residentes que ainda perambulavam pela cidade ecológica em versões holográficas de si mesmos: 36,2%.

Projetar-se holograficamente, como era chamado, era mais um último recurso do que uma alternativa ecológica. Para viver de forma sustentável, as pessoas tinham de viver menos. Realizar atividades não essenciais — as “essenciais” seriam comer, dormir e existir — no modo holográfico. Sair para jantar e viajar virtualmente, sem deixar rastros ou pegadas. Reduzir a necessidade de transporte e diminuir o uso de infraestrutura, energia e materiais conservados. Era apenas abrindo mão dessas coisas que os arquitetos poderiam construir cidades ecológicas nos céus, seguras do nível crescente do mar. As trocas valiam a pena, na opinião de Kasey. Mas era a minoria que pensava assim. A maioria das pessoas rejeitava a ideia de viver como legumes dentro de um bentô — fosse por seu próprio bem ou pelo do planeta — e continuava em seus territórios terrestres. Sim, o clima era mais extremo, mas tolerável. O derretimento do ártico, embora lamentável, não os afetara tanto como afetou as populações litorâneas ou insulares.

As queimadas, por outro lado, os afetavam. Os furacões e as monções. A magnitude dos terremotos havia aumentado, exacerbada por décadas de mineração profunda. Desastres naturais catalisavam tragédias feitas

pelo homem: indústrias químicas e usinas nucleares eram comprometidas e disseminavam radioaxons, nanopartículas e microcinógenos pela terra e pelo mar. A opinião global mudou da noite para o dia. Ecocidades passaram a ser vistas como utopias, distantes dos epicentros dos desastres. E se projetar holograficamente através de uma cápsula de estase, algo que antes era visto como restritivo, passou a representar liberdade e segurança. Por que vivenciar algo de verdade quando a vida real havia se tornado tão volátil?

Por quê? Embora soubesse a resposta, Kasey pensava na irmã. Limites existiam para que Celia pudesse extrapolá-los. Nada estava fora dos limites, nenhum problema era grande demais. Era por isso que as pessoas achavam tão difícil lidar com a notícia de seu desaparecimento, a ponto de algumas até mesmo o negarem.

Aposto cinquenta bytes que ela aparece hoje.

Outras lamentavam.

Também tenho uma irmã.

Outros ainda se culpavam.

Preciso saber se foi culpa minha.

Essa era a reação que Kasey achava mais sem sentido. Sua irmã havia desaparecido. Nenhum acúmulo de sono perdido podia reverter aquilo. Sentir-se culpada era irrelevante. Irracional.

Kasey desejava sentir menos culpa.